

Aproximação entre França e Itália ameaça liderança alemã

França e Itália preparam uma estratégia conjunta para combater a crise na Europa. Isso significa que os dois países devem se opor a Alemanha, cujo governo de Angela Merkel defende, entre outras diretrizes, planos de austeridade para quem precisa de ajuda.

Hollande viaja hoje a Roma para negociações preliminares antes de uma cúpula-chave na semana seguinte. As conversações devem se concentrar no crescimento e na gestão da dívida e irão preparar o terreno para um importante encontro em Roma, envolvendo Itália, França, Alemanha e Espanha em 22 de junho, e uma importante reunião de líderes da União Europeia (UE) em Bruxelas, em 28 e 29 junho.

Segundo uma fonte diplomática, a visita de Hollande a Roma "é um sinal de que Paris quer aproveitar a experiência do ex-comissário europeu Mario Monti e uma tentativa de ampliar o círculo com Berlim".

Monti e Hollande, que se reuniram no mês passado em Camp David e Chicago, nos EUA, "querem trabalhar em propostas comuns" para combater a crise da dívida, afirmaram as fontes.

Enquanto a Itália ensaia um novo papel, ao lado da França, na recuperação da Europa, o apoio ao partido da chanceler da Alemanha Angela Merkel diminuiu diante do aprofundamento da crise da zona do euro depois de os bancos da Espanha e o Chipre afirmarem que também precisam de ajuda internacional.

A pesquisa, feita com 2.504 pessoas pelo instituto Forsa, mostrou que a aprovação ao partido União Demócrata Cristã (CDU, na sigla em inglês) caiu de 33% para 32%, enquanto o apoio ao Partido Liberal Demócrata (FDP), que é um parceiro menor do governo de coalizão, subiu de 4% para 5%. A pesquisa foi feita entre 4 e 8 de junho.

Merkel tem enfrentado dificuldades para convencer os contribuintes alemães da necessidade de oferecer mais dinheiro para sustentar a zona do euro. A Espanha garantiu no sábado passado uma ajuda de até 100 bilhões de euros para os bancos do país e o Chipre disse na terça-feira que precisa de ajuda financeira europeia para aumentar seu capital.

A Alemanha, que é a maior economia da Europa, realizará eleições nacionais em 2013 e os países de centro-direita, que são a base do governo, têm menos apoio do que os 41% combinados dos opositores Partido Social Demócrata e Partido Verde, que obtiveram aprovação de 27% e 14% dos ouvidos na pesquisa.

Mais cedo, o Parlamento Europeu aprovou as novas regras destinadas a aprofundar a supervisão dos orçamentos nacionais e dos planos fiscais dos países que integram a UE. No entanto, uma série de emendas apresentadas e aprovadas pelos eurodeputados ao projeto original da Comissão Europeia em novembro do ano passado deve enfrentar a oposição de países-membros.

Entre as emendas aprovadas ontem está uma proposta de "cláusula de crescimento", por meio da qual cerca de 1% do produto interno bruto (PIB) da UE seria repassado por ano ao longo de uma década para investimentos em infraestrutura.

Os eurodeputados querem ainda a criação de um Fundo de Resgate da Dívida Europeia, que agruparia todos os países da zona do euro com relação dívida/PIB superior a 60% para emissão conjunta de títulos.

O Parlamento Europeu também condicionou seu apoio ao pacto a um cronograma para a emissão de eurobônus. Pela emenda, a Comissão Europeia terá de apresentar o plano no máximo um mês depois que a lei passar a vigorar.

Para entrar em vigor, no entanto, as normas do pacto precisam ser aceitas por todos os países que integram a UE, assim como pelo Parlamento Europeu e pela Comissão Europeia. A expectativa é de que as emendas enfrentem oposição da Alemanha e de outros países mais ricos dentro da zona do euro. As negociações deverão começar em breve, mas ainda não há data para seu início.

Espanha

Também ontem, a agência de classificação de risco Moody's rebaixou em três degraus a nota da dívida soberana da Espanha, da atual "A3" ("notável baixo") até "Baa3" ("aprovado baixo"), e a situou em perspectiva negativa.

A Moody's justificou o rebaixamento ao considerar que o recente resgate aos bancos espanhóis aumentará a carga da dívida, seu "limitado" acesso aos mercados financeiros e o "contínuo enfraquecimento" da economia espanhola, afirmou em comunicado.

Volatilidade nas bolsas

As bolsas europeias tiveram uma sessão volátil. Dados fracos sobre a produção industrial da zona do euro pesaram, além da cautela com relação às eleições na Grécia no domingo. Outro fator negativo foi o leilão de 6,5 bilhões de euros em títulos de 12 meses da Itália, no qual o país pagou yield (retorno ao investidor) de 3,972%, bem acima de 2,340% no leilão anterior. Madri fechou com alta de 1,42%, aos 6.615,30 pontos. Londres teve alta de 0,18%, para 5.483,81 pontos. Frankfurt encerrou em baixa de 0,14%, aos 6.152,49 pontos. Paris fechou com queda de 0,55%, aos 3.030,04 pontos.

Fonte: DCI, São Paulo, 14 jun. 2012, Primeiro Caderno, p. A10.